

Mobilização das mídias por grupos neofascistas: o caso do sapo Pepe

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3853>

Christina de Toledo Zaccarelli¹

Resumo

Este artigo, desdobramento de uma pesquisa de doutorado em Linguística Aplicada (Linguagem e Tecnologia), discute a mobilização de grupos neofascistas nas mídias digitais no contexto do capitalismo cognitivo. Analisa-se a trajetória de apropriação da imagem do sapo Pepe, que se consolidou como um dos principais ícones da ultradireita norte-americana durante a eleição de Donald Trump (2016). Retomam-se, ainda, dois casos correlatos: o Movimento 5 Stelle, na Itália, como exemplo pioneiro do uso de marketing digital pela extrema-direita, e a atuação de Steve Bannon, estrategista da campanha de Trump e fundador de The Movement, cujo modelo inspirou articulações em diferentes contextos, como o Brexit, a alt-right, o Vox e o bolsonarismo. Argumenta-se que memes, plataformas e práticas digitais não constituem artefatos neutros ou meramente humorísticos, mas tecnologias discursivas que participam da produção de subjetividades, afetos e formas contemporâneas de mobilização política. Nesse sentido, defende-se a necessidade de repensar os letramentos críticos à luz das condições tecnológicas de produção de sentido, apontando para a urgência de práticas educativas orientadas por letramentos antifascistas no contexto das mídias digitais.

Palavras-chave: Neofascismo; Tecnologia; Linguagem.

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; chrizaccarelli@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1103-9405>

Media Mobilization by Neo-Fascist Groups: The Case of Pepe the Frog

Abstract

This article, derived from doctoral research in Applied Linguistics (Language and Technology), examines the mobilization of neo-fascist groups across digital media within the context of cognitive capitalism. It analyzes the appropriation trajectory of the Pepe the Frog image, which became one of the main icons of the American far right during Donald Trump's 2016 election campaign. The article also revisits two related cases: Italy's Movimento 5 Stelle, as an early example of far-right digital marketing, and the role of Steve Bannon, strategist of Trump's campaign and founder of The Movement, whose model inspired political articulations in different contexts, such as Brexit, the alt-right, Vox, and Bolsonaroism. It is argued that memes, platforms, and digital practices are not neutral or merely humorous artifacts, but discursive technologies that actively participate in the production of subjectivities, affect, and contemporary forms of political mobilization. In this sense, the article calls for a rethinking of critical literacies in light of the technological conditions of meaning-making, pointing to the urgency of educational practices grounded in antifascist literacies in digital media contexts.

Keywords: Neo-fascism; Technology; Language.

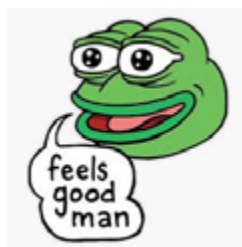
De memes a movimentos: a ascensão do Neofascismo em espaços digitais

Enquanto os regimes fascistas do século XX recorreram aos meios de comunicação de massa tradicionais – como rádio, imprensa e cinema –, os movimentos neofascistas do século XXI fazem uso cada vez maior das redes sociais. A informalidade e o humor característicos desses ambientes são cooptados como ferramentas eficazes para normalizar discursos de ódio e radicalizar parcelas significativas da população, sobretudo por meio de estratégias como a criação e circulação de memes, práticas de trollagem, uso de *hashtags* e apropriação de gírias. Tais dinâmicas dialogam com o que Eco (1995) denomina “empobrecimento da linguagem” no Ur-fascismo, entendido não como um regime histórico específico, mas como um dispositivo ideológico que pode se manifestar em diferentes contextos sociais contemporâneos. Trata-se de uma forma de comunicação simplificada e emocional, que Eco (1995) associa à novilíngua, em referência à obra 1984, de George Orwell.

A banalização de símbolos por meio de sua circulação como memes favorece a produção de sentidos múltiplos e, muitas vezes, contraditórios. Um exemplo emblemático desse processo é o meme do sapo Pepe, que transitou de personagem inofensivo da cultura *pop* digital a ícone amplamente associado a grupos de extrema-direita norte-americana. Criado pelo quadrinista Matt Furie no início dos anos 2000, Pepe integra a série de

quadrinhos Boys Club, que retrata de forma humorística a vida de quatro personagens no começo da vida adulta. Ainda nessa década, a imagem começou a se popularizar na internet como meme - entendido aqui, a partir de Dawkins (1976), como uma unidade de informação cultural passível de replicação e transformação, que no contexto das redes digitais adquire velocidade, alcance e plasticidade sem precedentes. Entre suas primeiras versões de ampla circulação destaca-se aquela em que Pepe aparece acompanhado da frase "Feels good, man", com uma expressão de satisfação, como ilustrado na figura a seguir:

Figura 1. Meme do Sapo Pepe "Feels good man"



Fonte: <https://tenor.com/pt-BR/search/feels-good-man-gifs>. Acesso em: 28 set. 2024

Com o tempo, em razão da elevada capacidade de propagação dos memes – viabilizada por mecanismos de compartilhamento, remixagem e adaptação a diferentes contextos e plataformas digitais –, a imagem do sapo transformou-se em um dos ícones mais reconhecíveis da cultura digital. Sua crescente popularidade gerou inúmeras variações, que exploravam humor e ironia para comentar temas diversos da vida cotidiana. Ao longo dos anos 2010, o meme de Pepe foi progressivamente apropriado por subculturas *online* que valorizavam a estranheza, a marginalidade e a não conformidade, com destaque para a cultura do 4chan, plataforma marcada pelo anonimato, pela circulação intensa de memes e por uma estética deliberadamente provocativa.

Nesse novo enquadramento, o sapo passou a ser representado como um sujeito que se diverte com a própria marginalidade, encontrando prazer em desafiar normas sociais. Pepe tornou-se, assim, um símbolo da cultura do 4chan, especialmente associado a uma subcultura específica: os NEETs (Not in Education, Employment or Training), jovens que não estudam nem trabalham e que frequentemente descrevem esse modo de vida como uma forma de existência compartilhada em isolamento. Para esses grupos, Pepe operava como um avatar de sujeitos que se percebiam à margem, condensando aquilo que denominavam "beta uprising" ("revolta dos betas") - indivíduos que não se encaixam no ideal de masculinidade hegemônica do "homem alfa" amplamente difundido nas redes sociais. Essa identificação revela o modo como o personagem passou a simbolizar frustrações, ressentimentos e desejos de pertencimento.

Em 2015, o meme de Pepe atingiu o auge de sua popularidade, tornando-se um dos mais compartilhados da internet: celebridades da cultura pop e influenciadores digitais passaram a adotar a imagem, o que provocou forte insatisfação entre usuários do 4chan. Para essas comunidades, a massificação do meme representava a perda de controle sobre um símbolo anteriormente percebido como distintivo, agora incorporado ao universo mainstream - ou, nos termos da própria subcultura, aos chamados "normies", entendidos como sujeitos conformados às normas e valores hegemônicos.

A apropriação do meme pelo mainstream foi interpretada como uma violação simbólica do espaço online dessas comunidades e como uma tentativa de apagamento identitário. Em resposta, Pepe passou a circular em versões deliberadamente depreciativas, niilistas e cínicas, associadas a misoginia, xenofobia, racismo e homofobia, frequentemente sob o pretexto da trollagem. Retomando Eco (1995), esse processo pode ser compreendido como uma manifestação do empobrecimento da linguagem, no qual a simplificação discursiva, o apelo emocional e a estetização da violência convertem signos culturais em instrumentos de agressão simbólica, dispensando qualquer elaboração técnica ou argumentativa mais complexa. Tal empobrecimento favorece a manipulação da opinião pública, dificulta a análise crítica e contribui para a construção de identidades coletivas excludentes, baseadas na oposição entre "nós" e "outros".

A lógica subjacente à transformação do meme de Pepe consistia em associar o personagem a imagens de violência, ódio e grupos extremistas. A aposta era que, ao tornar o meme repulsivo para a maioria dos usuários - os "normies"-, ele passaria a funcionar como um código reconhecível apenas por um grupo seletivo de indivíduos alinhados a crenças extremistas. Desse modo, o meme converteu-se em ferramenta de radicalização e mobilização política. A partir desse momento, Pepe passou a ser representado com armas, em ameaças a ataques em massa ou caracterizado como membro da Ku Klux Klan, bem como em alusões explícitas ao fascismo e ao nazismo, como ilustrado nas imagens a seguir.

Figura 2. Pepe emulando Adolf Hitler.



Fonte: <https://www.cbc.ca/news/world/pepe-the-frog-hate-symbol-adl-1.3782035>. Acesso em 28 set. 2024

Figura 3. Pepe como representante do grupo supremacista branco, Ku Klux Klan



Fonte: <https://www.cbc.ca/news/world/pepe-the-frog-hate-symbol-adl-1.3782035>. Acesso em 28 set. 2024

O personagem Pepe tornou-se o centro de uma espécie de “competição” nesses fóruns online, em que os usuários buscavam superar uns aos outros por meio da criação de versões cada vez mais chocantes e extremas do meme. O objetivo era torná-lo tão repulsivo que se tornasse inutilizável para o público em geral, saturando-o de associações a ideias e comportamentos socialmente condenáveis. Quando interpelados, os usuários frequentemente afirmavam tratar-se de “apenas uma piada” e enquadravam qualquer tentativa de contenção como expressão do “politicamente correto”, entendido como um inimigo a ser combatido.

Como observa Nagle (2019), a oposição ao politicamente correto, ao feminismo e ao multiculturalismo funcionou como um elo entre a cultura *chan* — marcada pelo niilismo e pela ironia — e o universo mais amplo da *alt-right*, contribuindo para a circulação dessas práticas discursivas para além dos fóruns anônimos:

Uma das coisas que ligou a cultura chan on-line, muitas vezes niilista e irônica, a uma cultura mais ampla da órbita da alt-right foi sua oposição ao politicamente correto, ao feminismo, ao multiculturalismo, etc., e sua invasão em seu mundo livre de anonimato e tecnologia (Nagle, 2019, p. 15).

É nesse contexto que, entre 2015 e 2016, durante a campanha presidencial norte-americana, Donald Trump passa a ser progressivamente percebido nessas comunidades como uma personificação do sapo Pepe, no interior da cultura digital associada à *alt-right* (direita alternativa). Essa associação não se limitava a uma representação visual, mas operava como um alinhamento simbólico e discursivo. Trump era percebido como o candidato anti-establishment, um *outsider* que desafiava normas políticas e culturais e que se colocava abertamente em oposição à retórica do politicamente correto. Essa identificação reforçava a ideia de que ele falava diretamente a sujeitos que se sentiam marginalizados e ressentidos frente às transformações culturais contemporâneas.

A representação de Pepe como Trump era frequentemente mobilizada de forma provocativa e irônica, recorrendo ao humor absurdo e a memes que deliberadamente desafiavam a lógica e a coerência discursiva. O próprio estilo comunicativo de Trump - marcado pelo uso de frases de efeito, simplificação retórica e apelos emocionais - refletia essa mesma lógica memética, favorecendo tanto a rápida disseminação das imagens quanto a identificação de sua base de apoiadores com o personagem. A simplicidade visual e simbólica dessas representações contribuiu decisivamente para sua circulação massiva nas redes digitais.

Após meses de circulação de versões de Trump como personificação do sapo Pepe produzidas por usuários desses fóruns, em outubro de 2015, o próprio candidato publica o seguinte tweet:

Figura 4. Tweet de Donald J. Trump, publicado em 13 de outubro de 2015.



Fonte: <https://x.com/realDonaldTrump/status/653856168402681856>. Acesso em 8 out. 2024

Na imagem, Trump aparece representado como o sapo Pepe, em posição de discurso, como se já ocupasse a presidência, apesar de ainda se encontrar em fase inicial da campanha. O slogan que acompanha a imagem, "You can't stump the Trump", explora um jogo de palavras entre o sobrenome do candidato e o verbo to stump ("impedir", "dificultar"), sugerindo que ninguém seria capaz de detê-lo. O enunciado reforça, assim, a construção de uma imagem de força, excepcionalidade e invulnerabilidade política.

Ao compartilhar essa imagem, o então candidato à presidência dos Estados Unidos se colocou como referência explícita àquela comunidade, assumindo a posição de personificação do meme. Trump passou a ser identificado como um sujeito que se

opunha frontalmente ao “politicamente correto”, percebido como um nacionalista branco que provocava rejeição tanto na cultura mainstream quanto em setores do próprio Partido Republicano. Esse gesto discursivo operou simultaneamente em dois níveis: internamente, sinalizou alinhamento simbólico com fóruns extremistas; externamente, tornou inteligível ao público mais amplo que Trump representava a escolha daqueles que se percebiam “fora do sistema” ou em oposição às normas culturais dominantes.

É importante destacar que Matt Furie, criador do personagem, posicionou-se publicamente contra a apropriação da imagem de Pepe por pautas da extrema-direita. Ainda assim, o sapo consolidou-se como um símbolo da alt-right de modo mais amplo. Figuras centrais do movimento, como Richard Spencer, notório supremacista branco e um de seus articuladores, passaram a utilizar a imagem de Pepe de forma ostensiva - inclusive por meio de broches e materiais visuais -, ao lado de sua recorrente circulação em plataformas como Infowars e Breitbart, bem como em diversos sites extremistas.

Evidentemente, campanhas políticas como a de Donald Trump não se explicam exclusivamente pelo uso de memes. Trata-se de um fenômeno de maior complexidade. Ainda assim, é sintomático que a difusão de uma linguagem associada à extrema-direita nas mídias digitais coincida com a ascensão de lideranças políticas extremistas. Como observa Traverso (2023):

O surgimento da direita radical é uma das mais evidentes características de nosso momento histórico. Em 2018, oito países da União Europeia (Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Itália, Polônia, Hungria e Eslováquia) são governados por partidos da extrema direita, nacionalistas e xenófobos (Traverso, 2023, p. 13).

Com o objetivo de aprofundar a compreensão de como campanhas de extrema-direita se beneficiam da lógica das redes digitais, retoma-se aqui outro exemplo sintomático: a trajetória de Beppe Grillo e do Movimento 5 Stelle, na Itália - um dos primeiros movimentos políticos a explorar sistematicamente o marketing digital, conforme analisa Da Empoli (2019).

Beppe Grillo, comediante italiano que ganhou notoriedade por meio da televisão e da comédia stand-up, criou em 2005 o blog beppegrillo.it, no qual passou a expressar opiniões políticas de forma deliberadamente provocativa e “sem filtros”. No blog, denunciava os privilégios da chamada “casta política italiana”, frequentemente referida por ele como “partidocracia”. Em pouco tempo, a plataforma tornou-se uma das mais acessadas do país, atraindo milhares de leitores diários. Contudo, o que aparentava ser uma iniciativa espontânea de um artista engajado era, na realidade, uma estratégia concebida por Gianroberto Casaleggio, empresário e especialista em marketing digital. Conforme relata Da Empoli (2019, p. 45), o próprio Grillo admitiu desconhecer o funcionamento técnico de um blog e ter sido persuadido por Casaleggio a assumir esse papel.

Segundo Da Empoli (2019), os conteúdos publicados diariamente eram produzidos por colaboradores da empresa Casaleggio Associati, embora atribuídos exclusivamente a Grillo, que muitas vezes sequer os lia. Casaleggio atuava nos bastidores como fornecedor da tecnologia e estrategista do projeto. A partir dessa arquitetura, compreendeu que a internet poderia revolucionar a política ao permitir a criação de um movimento moldado pelas preferências do eleitor-consumidor, concebendo a ação política nos termos de um produto ajustado à demanda. Como observa Da Empoli (2019):

Ele pretende, então, lançar um produto que seja capaz de responder de maneira eficaz a uma demanda política que os partidos existentes não são capazes de satisfazer. (...) Por isso precisa de Beppe Grillo: para dotar de calor e paixão um movimento que corria o risco de, sem esses ingredientes, continuar confinado aos geeks italianos. A força e a resiliência do Movimento 5 Stelle virão dessa combinação inédita: o populismo tradicional que se casa com o algoritmo e dá à luz uma temível máquina política (Da Empoli, 2019, p. 45).

Em 2007, Grillo convoca “o povo do blog” para uma grande manifestação denominada V-Day (Vaffanculo Day), marcada por linguagem vulgar e confrontacional - o que reforçava a autoimagem do movimento como antítese do “politicamente correto”. Em 8 de setembro daquele ano, apesar da ausência de cobertura pela mídia tradicional, diversas cidades italianas foram tomadas por protestos em defesa de um “parlamento limpo”. Na sequência, Grillo e Casaleggio fundam o Movimento 5 Stelle, que se apresentava como uma força política “nem de direita, nem de esquerda”, estruturada em torno de uma retórica anticorrupção. Em 2019, ano da publicação do livro de Da Empoli, o partido já figurava como o maior da Itália, com maioria dos assentos no parlamento. Como sintetiza Da Empoli (2019):

É em torno desse ponto que, desde o começo, repousa o grande mal-entendido do Movimento. Para sua base de militantes, internet é sinônimo de participação. É o instrumento de uma revolução democrática destinada a arrancar o poder das mãos da casta de profissionais da política e entrega-lo ao homem comum. Mas, para a elite do próprio movimento, encarnada pela “diarquia” Casaleggio/Grillo, as coisas são diferentes: a internet é, antes de tudo, um instrumento de controle. É o vetor de uma revolução a partir do topo, que capta uma quantidade enorme de dados a fim de utilizá-los para fins comerciais e, sobretudo, políticos (Da Empoli, 2019, p. 54).

Não por acaso, logo após as eleições que consolidaram o Movimento 5 estrelas no poder, Steve Bannon, homem forte de Donald Trump, e futuro chefe de gabinete do governo dos EUA, muda-se para um mosteiro do século XIII nas proximidades de Roma para montar uma espécie de “escola” da extrema-direita com a missão de formar novos ‘gladiadores’, chamada por ele de The Movement, o que faz Da Empoli afirmar que Roma havia se

transformado em “O vale do silício do populismo” (2019, p. 27). Falaremos de Steve Bannon e suas ideias a seguir.

A articulação entre neofascismos nas mídias digitais: o caso Steve Bannon

Steve Bannon é um estrategista político e empresário norte-americano amplamente reconhecido por seu papel central na ascensão da direita populista nos Estados Unidos. Atuou como chefe estrategista da campanha presidencial de Donald Trump em 2016 e, posteriormente, como conselheiro na Casa Branca. Antes de sua inserção direta na política institucional, construiu uma trajetória vinculada ao mercado financeiro, à produção de documentários e, sobretudo, à mídia digital. Nesse contexto, foi um dos articuladores do Breitbart News, plataforma de notícias marcada por uma abordagem abertamente anti-imigração, nacionalista e frequentemente alinhada à alt-right, conforme amplamente documentado pela imprensa norte-americana.

Essa estratégia editorial desempenhou papel decisivo na consolidação da base eleitoral de Trump, especialmente entre eleitores brancos, desempregados ou de baixa renda, por meio da circulação diária de conteúdos anti-imigração e nacionalistas. Em 2016, o Breitbart figurava entre os sites mais compartilhados nas redes sociais, alcançando milhões de leitores e operando como um importante vetor de difusão discursiva da extrema-direita no ambiente digital.

Em seu livro *Righteous Indignation: Excuse Me While I Save the World* (2011), Breitbart explicita os fundamentos ideológicos desse projeto. O autor sustenta a existência de uma superestrutura que denomina “The Concept”, entendida como um suposto monopólio cultural da esquerda norte-americana, composto por universidades, artistas, empresas de mídia e pela indústria do entretenimento. Segundo essa lógica, a missão da extrema-direita seria romper essa hegemonia e disputar o controle do discurso público. Essa formulação dialoga diretamente com a noção de “Catedral”, proposta por Curtis Yarvin, cientista da computação conhecido online como Mencius Moldbug. Bannon, Yarvin e o bilionário norte-americano Peter Thiel compartilham, nesse sentido, afinidades com a corrente conhecida como neorreacionarismo, que articula crítica ao liberalismo, rejeição ao iluminismo e defesa de novas formas de ordenamento social. Como afirma Breitbart (2011, p. 37, tradução própria²):

2 No original: “Now you understand the Complex and know that we can combat it if we only use the right techniques, understand our opponents, and walk toward anger. Walk toward anger. Don’t worry about being called a racist, homophobic, sociopathic, violently xenophobic heteronormative with fascist impulses. They say all those things about you because they are keeping you in the Complex, forcing you to respond to their playbook. They want to stop you in your tracks. But if you persist, if you tell them to stop the verbal bullets and keep moving, you will send messages to the people who are rooting for you, who agree with you. That’s how you build an invincible movement willing to play by its own rules”.

Agora você conhece o Complexo e sabe que podemos combatê-lo se apenas usarmos as técnicas certas, entendermos nossos oponentes e caminharmos em direção à ira. Caminhe em direção à ira. Não se preocupe em ser chamado de racista, homofóbico, sociopata, um xenófobo heteronormativo violento com impulsos fascistas. Eles dizem todas as coisas sobre você porque estão mantendo você no Complexo, forçando você a responder ao manual deles. Eles querem pará-lo em suas trilhas. Mas, se você continuar, se disser a eles que pode parar com as balas verbais e continuar andando, você enviará mensagens para as pessoas que estão torcendo por você, que concordam com você. É assim que você constrói um movimento invencível disposto a jogar de acordo com suas próprias regras.

O neorreacionarismo (NRX) constitui um dos núcleos ideológicos centrais do que se convencionou chamar de alt-right (direita alternativa), movimento político de extrema-direita que emerge nos Estados Unidos a partir do final dos anos 2000. Caracterizada por posições nacionalistas, populistas e anti-establishment, a alt-right rejeita o conservadorismo tradicional e sustenta a narrativa de que a cultura ocidental estaria em processo de decadência, supostamente ameaçada por forças externas como a imigração, o multiculturalismo e políticas de diversidade. Nesse contexto, são frequentes a circulação de teorias conspiratórias - como o QAnon, difundido inicialmente em fóruns anônimos como o 4chan - e a mobilização de discursos de ódio como instrumentos de coesão identitária.

De modo mais específico, o NRX defende a existência de uma entidade abstrata responsável por essa decadência cultural, denominada "A Catedral" - ou "O Conceito", nos termos de Andrew Breitbart. Trata-se de um conjunto difuso de instituições e sujeitos que, segundo essa perspectiva, moldariam o discurso público a partir de uma orientação de esquerda, englobando universidades, meios de comunicação, produção cultural e a indústria do entretenimento. O ponto de partida dessa formulação é a noção de "ordem", entendida como um princípio natural que teria sido "usurpado" pela Catedral por meio da aceitação de ideias como o multiculturalismo, o feminismo, o antirracismo e a ampliação de direitos para populações LGBTQIA+.

As bases teóricas desse pensamento são sistematizadas por Curtis Yarvin, cientista da computação e autor do blog Unqualified Reservations, responsável por difundir amplamente essas ideias no ambiente digital sob o pseudônimo Mencius Moldbug. Yarvin é frequentemente descrito por seus interlocutores como uma espécie de "Ayn Rand moderna", em razão de sua crítica radical à democracia liberal e à tradição iluminista.

O autor defende um modelo político denominado neocameralismo, no qual a democracia seria substituída por uma forma de governo tecnocrática, organizada à semelhança de uma corporação. Nesse sistema, o poder não estaria nas mãos dos cidadãos, mas de um

gestor - um CEO - responsável por tomar decisões com base em critérios de eficiência e racionalidade. Para Yarvin, a tecnologia desempenharia um papel central na viabilização dessa nova forma de organização social. Como escreve o autor:

Uma diferença entre as instituições cibernéticas e económicas é que os sistemas cibernéticos produzem planos e os sistemas económicos produzem políticas. Os planos podem ser sensatos ou malucos, mas estão sempre completos. As políticas, pelo contrário, são inevitavelmente incompletas. Uma instituição cibernética é uma máquina de otimização sem alma. Uma instituição económica é uma montanha de papel (Yarvin, *unqualified reservations*, tradução própria³).

Yarvin sustenta que um dos principais problemas da esquerda reside na crença, fundamentada nos princípios do iluminismo, de que as decisões mais adequadas para uma sociedade devem ser sempre tomadas por intelectuais acadêmicos⁴. Para ele, essa perspectiva é ultrapassada e há a necessidade de transformação rumo a uma nova sociedade. Ele denomina essa proposta de “Dark Enlightenment” ou “iluminismo das trevas”. Sobre isso, escreveu Huk (2020, p. 53):

É fácil enxergar a adoção pelos neorreacionários da ideia do alegado declínio do Ocidente como a repetição de momentos históricos conhecidos: em especial, o ataque ao iluminismo radical na virada do século XVIII, de um lado, e, de outro, o surgimento de um modernismo reacionário na Alemanha entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial que casava Romantismo e tecnologia, e, ao final, fundiu-se com o Nacional Socialismo. É importante manter essa repetição em mente para que possamos entender as táticas e a retórica usada pelos neorreacionários – estejam eles conscientes ou não dessas histórias -, nem que seja para compreendermos em que, para eles, constitui o declínio do Ocidente e por que o iluminismo se revela como fonte de infelicidade. Se os neorreacionários rejeitam o iluminismo, essa é a uma rejeição estranha e bastante específica.

Ainda que recorra a uma retórica fortemente ancorada na tecnologia e na racionalidade técnica, o discurso de Yarvin mobiliza elementos estruturais clássicos do fascismo, como o anti-intelectualismo, o ultranacionalismo e a noção de uma suposta ordem natural que estaria sendo violada pela diversidade social e cultural. Trata-se, portanto, menos de uma ruptura com o pensamento fascista histórico e mais de sua rearticulação em chave tecnocrática, adequada ao contexto das mídias digitais e do capitalismo cognitivo.

3 No original: “One difference between cybernetic and economic institutions is that cybernetic systems produce plans, while economic systems produce policies. Plans can be sensible or crazy, but they are always complete. Policies, on the other hand, are inevitably incomplete. A cybernetic institution is a soulless optimization machine. An economic institution is a mountain of paperwork”. Disponível em: <https://www.unqualified-reservations.org/>. Acesso em: 13 out. 2024.

4 Disponível em: <https://www.unqualified-reservations.org/>. Acesso em: 13 out. 2024.

Em 2021, Yarvin concedeu uma entrevista a Tucker Carlson, um dos apresentadores de maior audiência da Fox News. Ao explicar por que, segundo ele, “o sistema não funciona hoje em dia”, o autor explicitou de forma sintomática essa visão de mundo, ao afirmar:

O que continuo defendendo é [...] uma questão: Qual é a sua teoria sobre por que o Washington Post e o New York Times e todas as outras vozes de prestígio na sociedade e todas as universidades de prestígio na sociedade estão sempre no mesmo lugar. Por que Yale e Harvard sempre concordam em tudo? [...] O sistema foi inicialmente povoado por essas pessoas realmente sábias e capazes, os americanos da primeira metade do século – Podemos dizer que havia diversidade? Não, não podemos dizer isso - mas eles eram pessoas incríveis, realizavam coisas, conquistavam o mundo, eram um grande negócio, eram os melhores e mais brilhantes, construíram a bomba (tradução própria⁵).

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de uma reflexão crítica permanente sobre a mobilização das mídias digitais por grupos neofascistas, sobretudo no contexto do capitalismo cognitivo, no qual linguagem, tecnologia e poder se articulam de forma cada vez mais intensa. A análise da trajetória do meme Pepe the Frog - que transita de uma figura aparentemente inofensiva da cultura digital para um símbolo amplamente associado à alt-right - evidencia como práticas discursivas mediadas por plataformas digitais podem operar na deslegitimação de valores democráticos e na normalização de discursos de ódio.

Os casos do Movimento 5 Stelle, na Itália, e da atuação de Steve Bannon nos Estados Unidos reforçam essa dinâmica ao demonstrar que a instrumentalização das redes sociais não se restringe à circulação de conteúdos isolados, mas envolve a construção de arquiteturas discursivas e tecnopolíticas voltadas à mobilização afetiva, à produção de inimigos simbólicos e à erosão do debate democrático. Em contextos distintos, tanto o Movimento 5 Stelle quanto a alt-right articulada por Bannon exploram a retórica anti-establishment, o apelo à autenticidade e a rejeição ao “politicamente correto” como estratégias de engajamento e controle discursivo.

Esses processos podem ser compreendidos à luz do “empobrecimento da linguagem”, conforme formulado por Eco (1995), no qual a simplificação discursiva, a repetição de slogans e a banalização de signos culturais favorecem a adesão emocional e dificultam

5 No original: “What I keep arguing is [...] an issue: What is your theory about why the Washington Post, the New York Times, and all the other prestigious voices in society, along with all the prestigious universities, are always in the same place? Why do Yale and Harvard always agree on everything? [...] The system was initially populated by those truly wise and capable individuals, the Americans of the first half of the century. Can we say there was diversity? No, we cannot say that—but they were remarkable people, achieving great things, conquering the world, they were a big deal, they were the best and the brightest, they built the bomb. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K_8aT3pQo_I. Acesso em: 13 out. 2024.

a análise crítica. No ambiente digital, esse empobrecimento adquire novas formas e velocidades, potencializando a disseminação de ideologias extremistas sob a aparência de humor, ironia ou contestação, e contribuindo para a naturalização de práticas discursivas excludentes.

Para a Linguística Aplicada, compreender esses fenômenos implica reconhecer que memes, plataformas e algoritmos não constituem suportes neutros de circulação discursiva, mas tecnologias que participam ativamente da produção de sentidos, subjetividades e relações de poder no interior do capitalismo cognitivo. Nesse cenário, o enfrentamento das dinâmicas neofascistas nas mídias digitais não pode se restringir à análise crítica dos textos, exigindo o desenvolvimento de práticas educativas capazes de problematizar as condições tecnológicas de produção de sentido. Trata-se, portanto, da urgência de uma pedagogia orientada por letramentos antifascistas, voltada à formação de sujeitos capazes de reconhecer, resistir e reconfigurar os modos pelos quais discursos extremistas se naturalizam e se legitimam nas redes digitais.

Referências

BARTLETT, J. *The people vs tech: how the internet is killing democracy*. Penguin Random House, 2018.

BERNARDO, J. *Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta*. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

BIANCHI, A. *et al.* (org. DEMIER, F.; HOEVER, R.). *A onda conservadora*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

BLINKHORN, M. *Mussolini e a Itália Fascista*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

BREITBART, A. *Righteous Indignation: Excuse me while I save the world*. Disponível em: <https://archive.org/details/righteousindigna0000brei>. Acesso em: 13 out. 2024.

BROSE, E. D. Generic Fascism Revisited: Attitudes toward Technology in Germany and Italy, 1919-1945. *German Studies Review*, v. 10, n. 2, p. 273–297, 1987.

BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. *Revista FAMECOS*, v. 26, n. 3, 2019.

CESARINO, L. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

DAWKINS, R. *The selfish gene*. Oxford e Nova York: OUP, 1976.

DA EMPOLI, G. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Editora Vestígio, 2019.

ECO, H. *Fascismo eterno*. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br>. Acesso em: 10 fev. 1995.

FERREIRA, F. S. Podemos falar de fascismo? *Td. Teoria e Debate*, v. 31, 2018.

HAN, B-C. *Infocracia: digitalização e crise da democracia*. Petrópolis: Vozes, 2022.

HUK, Y. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

KOSINSKI, M.; STILLWELL, D.; GRAEPEL, T. Private traits and attributes are predictable from digital behavior. *PNAS*, v. 110, n. 15, p. 5802-5805, 2013.

MOROZOV, E. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

O'NEIL, C. *Weapons of math destruction: How Big Data Increases Inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Broadway Books, 2016.

ORWELL, G. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 1. Ed. 2009.

MASCARO, A. L. *Crítica ao fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2022.

NAGLE, A. *Kill all normies: The online wars from Tumblr and 4chan to the alt right and Trump*. Washington: Zero Books, 2019.

PAXTON, R. O. *A anatomia do fascismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

SILVEIRA, S. A. *Democracia e códigos invisíveis*. São Paulo: Editora Sesc, 2019.

SILVEIRA, S. A. Governo dos algoritmos. *Revista de Políticas Públicas*, v. 2, p. 267-281, 2017.

SILVEIRA, S. A. (org.). *A democracia no mundo digital: história, problemas e temas*. São Paulo: Edições Sesc, 2018.

STANLEY, J. *Como funciona o fascismo: a política dos "nós e eles"*. São Paulo: L&PM, 2022.

TRAVERSO, E. *As novas faces do fascismo: populismo e extrema direita*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2023.

YARVIN, C. *Unqualified reservations*. Disponível em: <https://www.unqualified-reservations.org/>. Acesso em: 13 out. 2024.

ZETKIN, C. *Como nasce e morre o fascismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

ZUBOFF, S. *Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization*. *Journal of Information Technology*, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015.